

vam à academia de S. Paulo alguns estudantes da de Olinda, matriculados no 4º ano; vinham do norte escorraçados por redigirem um jornal político “em estilo violento e agressivo”, o *Argus Olindense*, defensor ardoroso dos princípios liberais, combatendo inclusive o diretor interino da Faculdade, o padre Manuel do Sacramento Lopes Gama, jornalista como os acadêmicos. Em 1854, Kidder e Fletcher constataram haver na academia paulista 296 alunos nas cinco classes e 300 no curso preparatório. A imprensa recrutou entre eles muitos de seus servidores, como Baltasar da Silva Carneiro, lançador do *Cruzeiro do Sul*, em que colaborava Teófilo Otoni.

Começava a luta pela liberdade dos escravos, que muitos acreditam datar dos fins do século: sinais dela aparecem nos jornais estudantis de 1856, *O Guaianá* e *A Academia*, à base de cuja campanha surgiu mesmo uma sociedade abolicionista, “empresa superior às forças dos que a intentavam, mas nem por isso menos gloriosa: era um esforço que, quando menos, mostrava muita generosidade da parte dos que o tentaram”, no dizer de Couto de Magalhães. Mas já a imprensa ganhava também o interior, surgindo em Santos, depois de se ter iniciado em Sorocaba: a 2 de setembro de 1848 começava a circular ali o tri-semanário *Revista Comercial*, de propriedade dos irmãos Rocha, redigida por João José Frederico Ludovice, que se transformaria, muito mais tarde, em 1872, no *Diário de Santos*, de propriedade de João José Teixeira e redigido por José Emílio Ribeiro Campos. Na cidade praiana apareceram *O Nacional* e *O Mercantil*, em 1850; *O Precursor* e *O Médico Popular*, em 1851. Em Sorocaba surgiam, em 1852, *O Cometa* e *O Defensor*; em Itu, em 1857, *O 25 de Março*; em Taubaté, em 1861, *O Paulista* e *O Taubatéense*; em Guaratinguetá, em 1862, *O Mosaico*; em Pindamonhangaba, em 1863, *O Progresso*; em Bananal, em 1867, o *Iris Bananalense*, que circulou até 1869; em Areias, em 1869, *O Areiense*. A imprensa expandia-se pelo vale do Paraíba, a zona próspera da província, na época em que os cafezais também ali se expandiam.

Na Corte, enquanto se travava a áspera luta do regresso, agrupavam-se intelectuais para, sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, fundar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi a 21 de outubro de 1832 que se reuniram, numa sala do Museu Nacional — funcionando então no prédio em que funciona hoje o Arquivo Nacional — vinte e sete figuras ilustres da época, por proposta do marechal Cunha Matos, entre as quais estavam Fernandes Pinheiro, José Clemente Pereira, Aureliano Coutinho, Montezuma, Bento da Silva Lisboa e José Silvestre Rebelo. Fernandes Pinheiro foi o primeiro presidente do Instituto, exercendo a função até 1847, sucedido pelo marquês de Sapucaí, que nela permaneceu